

Jornal das Senhoras – Tomo I – domingo, 18 de abril de 1852 - Edição 16

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=219>

TOMO I – DOMINGO 18 DE ABRIL DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

modas, literatura, bellas-artses, theatros e critica.

o programa e condicções deste jornal encontrarão-se na ultima pagina.

UMA LÁGRIMA

E

UM TRIBUTO DE AMIZADE

Ha quasi um mez que a redacção do nosso *Jornal*, perdeu uma das suas mais assiduas e mais intelligentes collaboradoras !

A sociedade perdeu um dos seus mais bellos ornamentos, a familia uma māi, uma esposa, uma filha, idolo querido de quantos a cercavão, e podião apreciar suas virtudes, sua instrucção e as raras qualidades que a ornavão !

E esta a vez primeira, que temos coragem de abafar o nosso pranto para preenchermos a triste tarefa de consagrар-lhe algumas linhas... morreu tão cedo! Só vinte dois annos de idade !... E' necessário resignarmos. Os anjos predilectos do Senhor, descem á terra, só para revelarnos, que a virtude não é uma palavra, que é uma qualidade divina, e que ella pôde encontrar-se neste mundo, ainda que por um momento...e de passagem para a sua verdadeira morada.

Comtudo, o nosso egoismo revolta-se com essa separação forçada, com esse *adeus*, cujo termo é um arcano, tão lugubre e tão mudo, como o proprio tumulo !

Sim, é dolororissimo, ver gelido e inanimado o ser adorado no qual cifravão-se todas as nossas affeixões, todas as esperanças de felicidade e de futuro... ver paralizado aquelles olhos onde o pensamento tão bem se lia ... emudecer para sempre a meiga voz quo nos afagou com palavras de ternura, com o canto sonoro dos Cherubins... e isso tudo vamos ver cravar em uma caixa estreita e solitaria, para descer a uma cova horrivel e medonha, onde tudo vae converter-se em vermes e depois em ossos seccos, e informes...

Sim, é horrível isto tudo ... mas é a religião quem deve sarar as nossas feridas, é o pensamento de outro mundo melhor, onde forçosamente havemos de encontrar aquelles que amámos na nossa passagem terrestre...

Morrer ! por ventura morrem em nossa lembrança aquelles, cujas virtudes deixam apoz de si uma memoria viva e indelevel ? Não, no arcano do pensamento revive a imagem adorada ; ali, nas horas em que evocamos os amores do passado, a fantasia nos recompõe e essa imagem que a morte nos roubou ; no silêncio da noite, podemos fallar á celeste visão que evocou a saudade, e podemos contar-lhs as penas nossas, e pedir-lhe consolações que nos minorem a amargura... tudo é mysterio em redor do homem! Essas visões dos mortos acaso serão elles só um sonho da nossa fantasia? ... Talvez !

Folheando as paginas do *Jornal das Senhoras* do passado trimestre, os nossos olhos encontrarão – pensamentos suaves e religiosos, onde uma alma pura e angelica se revela sem querer ...

– 121 –

Sempre uma lágrima saudosa gotejará sobre a pagina onde os artigos assinados por – E... venham lembrar-nos que D. Emilia Dulce Moncorvo deixou de existir !...

.....
.....

Publicamos aqui as suas ultimas producções, ainda preparadas tres dias antes do dia fatal dos seus primeiros encommodos.

PENSAMENTOS (*)

Da Illm.^a Sra. D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueiredo

O mundo é um vasto mercado em que os erros se vendem por verdades, os vicios por virtudes.

A verdadeira amizade encontra-se na esrada da vida, como palmeira no deserto.

O justo morrendo vae pedir a Deus a recompensa do seu amor. E' um filho saudoso, que tem viajado e volta para seu Pae.

A humildade sendo uma virtude ; é a pedra de toque, é a verdadeira prova das outras virtudes. Em quanto não fordes humildes, não vos reputeis virtuosos.

Aos olhos de uma sociedade illustrada brilha menos uma soberana quando, rodeada dos grandes da sua côte, está assentada em um throno de ouro e diamantes, que quando, generosa e compassiva, desce ámorada da dôr e dos gemidos para ouvir as vozes do infortunio, observar de pertos as miserias humanas, e concorrer para minoral-as.

Aquillo que nós despendemos em superfluidades vem a fazer-nos falta: o que despendemos em esmolas, não. As esmolas são letras saccadas sobre a eternidade. A' nossa chegada cada um as achará pagaveis á vista

O estado natural do homem é o da sociedade ; mas ha situações excepcionaes da vida, em que a solidão é preferivel.

A Pobre moça

Não ha nada tão silencioso e tão modesto no mundo como a virtude!

Santa virtude! todos escarnecem de ti! a cada passo o vicio hypocrita quer ostentar as tuas candidas vestes.

Seres sem consciencia ! Corações malvados, que, não contentes com abrigar os sentimentos mais objectos, querem cingir na manchada fronte a corôa de rosas, emblema da virtude !

Ah ! é fatigante o estudo do coração humano ! Ler nos quasi invisiveis traços musculosos, no volver de olhos mais insignificantes, o pensa-

(*) Todos os outros que teêm sido publicados pertencem á pena da mesma presadissima autora
mento as sensações dos outros ! ... é uma triste sciencia que só serve para desencantar o cotação
e enlutar a alma com o desalento mais completo !

Ah ! se no meio d'esse mundo falaz e mentiroso não encontrassemos, esquecido e silencioso, o perfil suave e consolador da verdadeira virtude, compreenderíamos ás vezes o attractive até o suicídio, porque ha momentos de indizivel fastio da vida para quem recebeu a triste pedestinação de ler no coração dos outros !...

Sim, deixae esboçar-vos o quadro da vida – Pobre Moça – escutai.

Eu a conheci desde os mais ternos annos da infancia, foi muitas vezes camarada minha naquelles alegres brinquedos, naquelles dias que não voltarão jamais !

Era tão boa ! Sempre fazia as vontades aos outros : se erão impertinentes com ella, soffria-os em silencio ; nunca se queixava, nunca accuzava !...

E ninguem tinha coragem de maltratar-a, porque para as perversidades dos outros ella só oppunha sua doce resignação !

E ás vezes um triste sorriso temperado por uma lagrima!

Orfã de pae muito cedo, desde a idade de sete annos ella cozia para ajudar sua māi a ganhar o pão.

Todos os dias, a um grande armazem de tapeceiro, ellas ião cozer até ás seis horas da tarde. Com sol, com frio, com chuva, as duas pobres criaturas la ião a pé, desde não pequenas distancia.

A māi era tão boa tambem! Coitada, dos quatro filhos que tivera, tres erão homens e em nada a ajudavão, só Joaninha, era a unica que era boa para com ella!

Joaninha, desde pequena era magrinha, palida, as bexigas tinham-lhe marcado o rosto para sempre. Seus cabellos louros, mas de uma tinta suave, erão sedosos e abundantes ; seus olhos azuis tinham uma expressão angelica,

Depois, alguns annos mais tarde, ja era uma moça, mas seu rosto não mudara. Era sempre aquele rosto sereno, pallido e cheio de bondade, onde a resignação do soffrimento lhe estava impresso.

Quantas miserias, quantos trabalhos para a triste criatura !

Era sua herança neste mundo ! para ella não deviam faver amores, enfeites, prazeres !

Levantar-se com o dia, trabalhar sempre sem repouso, e nada mais para o futuro que essa vida arida, despedida de esperanças e de gozos !...

Um dia porém esses tormentos deviam augmentar !

Um dia a māi de Joaninha não viu mais!

A desgraçada pelo excesso de trabalho, ficara cega!

Desde esse dia, necessrio foi, despedirem-se do armazem onde trabalham ; a pobre cega já não podia mais ganhar o pão!

E sós na terra ! Só Deus por amigo !

A pobre moça sahia muito cedinho, fazia as pequenas compras para ella e a māi, e depois trabalhava todo o dia e fazia o comer, cuidava da triste cega, e ás vezes levantando a cabeça do trabalho, ao encarar o rosto de sua māi, onde a mais pia resignação se observava, ao ver aquelles olhos que o trabalho e as lagrimas seccárão par sempre, Joaninha cruzava os

braços, levantava os olhos ao céo, e duas lagrimas lhe rolavão pelas encovadas e dasbotadas faces !

Agora, ja é necessario tomar algumas horas de seu sonno e coser também á noite !

Sim, olhai dentro do seu pobre despito quarto tudo está limpo e arrumadinho.

Duas camas, uma em frente da outra, no meio uma mesa de trabalho.

Dão onze horas ao longe, é noite fria, como as ha no Prata, chuviscos fortes batem aos vidros da janella por intervalos.

A céga dorme ; sua cabeça toda branca, não pela idade mas sim pelos desgostos, respousa assim mesmo com essa paz de justo que não altera as mágoas da existencia !

A pobre moça, vela, cose ao pé da mesa, á luz acanhada da vela de sebo.

Se deixa um instante o trabalho, é só para fitar seus olhos n'aquella cabeça veneravel que repousa a dois passos d'ella, cujo sustento depende do seu trabalho, da sua constancia ; e da sua saude que ella já sente vacillar !...

E nunca se queixou! nunca contou a ninguem tanta abnegação ! nunca mormurou da sua sorte !

Não é formosa, por isso homem nenhum lhe offereceu seu amor ... Ninguem sabe que ella é um anjo, porque ella é silenciosa e modesta e vive ignorada.

Pobre moça! e essa orfandade tão completa acompanhar-a-ha sempre... e um dia morrerá como viveu—só e ignorada !

A's vezes nos nossos momentos de extremos soffrimentos temos perguntados a Deus.

Senhor de que servem neste mundo a virtue e a intelligencia ?

MEU PRIMO EM APUROS.

Eu nã sei se minhas queridas leitoras, sabe, que eu tenho um primo: não ha cousa mais natural que ter um primo, nem ha neste mundo quem não tenha primos.

Na opinião de alguem de nossa amizade, não ha nada peior do que os taes primos, porque a titulo de parentes, gozão de certa franqueza... em fim este nosso amigo jurava sempre que se chegasse a casar daria bill matrimonial prohibido o ingresso dos primos na sua casa.

Eu não duvido que elle tenha razão ; eu cá por mim o que sei é, que este tal meu primo é a mais exelente creatura do mundo ; é um rapaz que tomou ao serio a vida, que não gosta de brinquedos, ora vejam, nem mesmo com as primas !

É a excepção dos primos.

Pois o caso é que o tal meu parente chegou outro dia á minha casa desesperado porque tinha mandado em bora o seu criado.

- Mas creatura, porque o despediste, se tanta falta te faz?
- Porque? respondeu-me elle furioso, porque é um estupido quadrado.
- Pois então meu caro o que é ? o que aconteceu ?
- Voce não sabe?... Pois eu lhe vou contar.

Hontem, jamtárão comigo alguns amigos ; ja estavamos á mesa, quando vejo que o meu Thomaz, (assim chama-se o tal criado de meu primo) esquecera-se de comprar rabanetes como eu lhe ordenara antes, chamo-o de parte, dou-lhe, vae, corre, troca este bilhete e compra meia pataca de rabanetes. Isto feito sentamo-nos á mesa, comemos a sopa, e eu a entreter os rapazes e a olhar para a porta da escada... mas qual ! nada de Thomaz ! Em fim principiamos a jantar, os meus amigos queixão-se da falta de rabanetes ; e eu a dizer-lhes, elles já chegão, não tardão por ahi... mas qual, nem Thomaz, nem rabanetes ! Por fim, fomos esquecendo os rabanetes, e principiou a conversa, &c.

- Ja se sabe (interrompi eu) cortaste na pelle das pobres mulheres, que foi um gosto ?
- Não senhora, meus amigos fallárão, mas eu não sou capaz.
- Ah ! voce não ? e então porque sinhôzinho ?
- Porque tenho tanto medo d'ellas, que não quero dizer nem bem nem mal !
- Ora vejam só... pois faze-lhes uma cruz quando passares perto dellas ! Mas, anda, continua a tua história.

Meu primo tomou um ar mais serio que do costume e continuou:

– Estava-mos nós já no fim do jantar, quando entra meu Thomaz com um preto de ganho atraç, e todo suffocado e suado. Eu olhei para elle todo espantado, e pergunto-lhe o que é isso rapaz?

- Meu amo, cá estão, eu não pude achar a meia pataca, mas achei por quatorze vintens.
- Por quatorze vintens ? o que é que tu achaste por quatorze vintens ?
- Os barretes que meu amo mandou buscar. E estou dizendo apresentou-me *cinco mil reis de barretes* !...

O diabo que te carregue ati e aos teus barretes, axclamei ! E os meus amigos rirem-se, Thomaz a olhar para mim todo embatucado... Oh ! Senhor que besta !

Eu desde a noticia dos barretes em troca de rabanetes, estava em cuma convulsão de riso... porém, mal viu meu primo que eu me ria a chorar, augmentando-se seu desespero, saiu a correr e amaldiçoando o seu criado que lhe trouxe para casa um carregamento de barretes !

POESIA

Uma jovem māi.

« Salve oh! virgem graciosa,
« māi de Deus Omnipotente,
« Eu vos louvo, eu vos adoro
« Junto com este inocente

Assim orava
Māi extremosa,
Tendo nos braços,
Filha mimosa :
Com sorrir d'innocente,
Brando, meigo, lhe pagou
Cara filhinha, os afagos
Que lhe fez, quando a beijou:

Mãos delicadas,
Então alçando
Da māi o collo
Foi abraçando:

« E eu mamāi ! Não te abraço ?
– Diz o travesso irmāozinho –
« Já me não amas mais, não?
« Por que não ser pequenozinho?

Eternos beijos
A' māi roubando,
Fugiu contente
Foi-se brincando :

Saltitava a irmāzinha,
Que o travesso irmão seguia
Co' avista, pois não andava,
E a boa māi se sorria

Entre contente
E assustada,
Ora tranquila
Ora enfadada.

Brincava alegre o infante,
A irmãzinha se ria ;
E a boa mãõ contemplava
Este quadro de alegria.

Frondoso arbusto,
Bella mangueira,
Sombra espargia
Fresca e fagueira.

Olha mamã! vou subir,
Buscar-te manga gostosa
Bem bonita, para ti
Que és p'ra mim tão extremosa.

Dice e subiu
Vivo ligeiro,
Colhêu a fructa
Bem prazenteiro.

Do trono sêcco escabroso
Sáe jararáca ferina
Que assusta a mãõ que mal pode
Soccorrer sua menina !

O pobrezinho
Que a avistou
Largou a manga
E..... desmaiou

Despenhando da mangueira
N'um galho preso ficou,
Pelas roupas pendurado,
Que por forte não quebrou
Nesta afflictão
Como accudir ?

Largar a filha para subir ?

Já réptil venenoso

Salto tentava fazer

Oh ! pobre mãe que afflictão !

A quem ha de socorrer !

Como era mãe

Tudo arrostou ;

A propria vida

Ella arriscou

Prende n'um chele a filhinha,

N'um galho de pitangueira ;

Com uma vara que encontrou

Voa ao combate ligeira

A jararaca

Nela saltou

Mas de um só golpe

Morta ficou !

Sobe ao tronco, arranha as faces,

Fere seu collo mimoso,

Solta o filhinho assustado

Salvo de relance assombroso:

Busca a filhinha

Que está chorando,

Ambos no collo

Os vae beijando

Mas ! . . . coitada! está exausta

De sofrer tal commoção !

Mal chega á casa demaia,

Logo que tem protecção

Qual avezinha

Sem protecção,

Salva o filhinho

Do gavião

Tal pôde o amor maternal !

Tanto heroísmo elle tem !

Que no auge do perigo

Elle não teme a ninguem !

Ternos carinhos

Afago, amor,

Doces meiguices,

Até valor!

P. de L.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só
com o mundo mesmo acabará, não antes:
a do homem contra a natureza, a do espirito
contra a materia, a da liberdade contra a
fatalidade. A historia não é outra coisa que
a relação desta interminavel lucta.

Michelet, Historia de França.

PARTE II

SCENA DE INTERIOR.

As tres horas da madrugada batem ao longe na Cathedral: é uma fria madrugada de outono. A cidade dorme ainda.

Vagão silenciosos os vigilantes serenos que repetem as horas, e as luzes amarelas dos seus pequenos lampeões são as unicas que brilham em meio da profunda obscuridade das ruas e das praças.

Na rua do Restautador, porém, no alto mirante de uma espaçosa casa, brilha tambem através

(*) Vide o nº 15,

JORNAL DAS SENHORAS

SCHOTTISCHE

GÖTTSCHE

Noronha

Moderato

8

PZV



das vidraças das janellas uma luz solitaria ; esse mirante é uma grande sala, decorada com luxo elegante, ricos sofás estufados, poltronas a Luiz XV dispostas com symetria, grandes consolos, e todas as louçanias da moda se ostentão ali ; no meio da sala magnifica secretária, carreganda de montes de papeis differentes ; cartas, jornais, documentos de toda especie.

Ao pé da secretária, em uma rica poltrona de veludo escarlate, está assentado um homem, envolvido em largo chambre de veludo preto ; alvo collarinho de finissima camisa deixa ver entre-aberto um pescoço bem formado e branco. Naquelle momento, com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça encostada para traz e os olhos meio fechados, parece ceder a um passageiro cançaço physico, a uma prostraçao de espirito invencivel.

A luz do lampeão solar, que está sobre a secretária, é amortecida por um grande resguardo de seda verda, que projecta uma sombra suave sobre o rosto do nocturno trabalhador.

Encostado na larga poltrona, pode-se assim mesmo conhecer que é um homem alto e cheio de corpo ; seu rosto alvo e ligeiramente colorido parece agora mais pallido. As linhas da cabeça e da região frontal são fortes e pronunciadas, revelando uma intelligencia superior : o cabello, louro apagado, principia a alvejar nas fontes ; o nariz fino e prolongado e tem alguma coisa de Fernando VII, e os contornos da boca são severos, e de tal sorte indicão a crueldade, que sem querer revivem na mente o sinistro perfil de Tiberio e de Luiz XI.

Seus olhos, que o cançaço os fechou momentaneamente, são azues claros e tem a attracção mortifera da serpente.

Eis o general Rosas !

Distantes alguns passos do dictador, acocorados como dois cachorros, cuxilão os seus dois loucos favoritos.

Rignão e o padre leigo.

Não é só desde a sua ascenção ao poder supremo, que data a mania de Rosas pelos doudos, e seu gosto pelas travessuras mais infernaes.

A imitação dos reis da idade media, Rosas tem seus bufões espirituosos cujas respostas passárão á posterioridade com os nomes de Francisco I ou de Luiz XI.

Os doudos de Rosas são estúpidos e estão excencialmente destinados a servir martyres, e os seus tormentos, as suas angustias, a divertir o seu senhor, o qual com uma mão lhes prodigalisa immensos beneficios, e com a outra açouta-os ou os sobre até fazel-os rebentar.

Quando Rosas não era mais que um simples cidadão, a noticia dos seus brinquedos brutaes e perigosos, já corria de boca em boca ; sempre os incitativos da sua hilaridade erão os soffrimentos alheios.

Desde que subiu ao poder, esse gosto parecia redobrar, e sua cara era o receptacilo desses dourados inoffensivos que por toda a parte se encontrão, dos idiotas e de todos os desgraçados, os ques, conservando a forma de homens, degenerão em brutos.

Dois sujos, inbecis, e grosseiros homens escuros, erão os seus bufões naquella época, os quaes já designamos ao leitor os nomes de Rignão e o padre leigo.

Rosas abre os olhos, espreguiça-se ; depois passando um olhar em torno da sala depara com os dois bufões. Então um appetite infernal se lhe excita, e elle se prepara a gozar do prazer em expectativa, com a mesma embriaguez que o amante que, perto do seu bem querido, estende os braços para apertal-a de encontro ao inflammado coração.

Bate com o punho fechado sobre o escriptorio, e os dois doudos espantados se põe em pé, lançando em redor olhares vagos, e que revelão o medo, apezar do somno que paralisa e envidrece os olhos, como os olhos dos mesmos defuntos.

Rosas considera-os um instantes, e pela sua vez se põe em pé.

– São horas de dormir estas, canalha ! grita Rosas com tom irritado

– Eu não dormia, responde Rignão, estava a pensar como farei para livrar-te dos teus inimigos, os selvagens unitarios.

– É verdade isso que estaes a dizer ahi Rignão?

– Ora, se é verdade ! é tão verdade como tu és o restaurador, que eu sou Rignão, Corvalan é Corvalan, e cada qual é quem é.

– Amen ! disse o padre leigo. Eu tambem não dormia; divertia-me pensando quando mandará a padre prior a este seu humilde servo a algum jantar, para fazer as suas vezes ... bem sabe que hoje foi dia de jejum, e que as minhas tripas cantão que se desunhão.

– Vocês são uns patifes ! uns tratantes ! o que querem é comer e viver á larga ! desavergonhados ! E acompanhava estas palavras torcendo as orelhas dos doudos, que fazião as mais extravagantes caretas.

– Ai ! dizia Rignão, ai, que me arrancas as orelhas ! não seja V. Ex. tão burro, repare que não sou nenhum selvagem unitario, para me esquartejar assim.

– Large a minha orelha, padre prior ! exclamava o outro doudo, que em troca prometto em empenhar-me com o bispo para que te faça cardeal para o anno.

Rosas deu uma longa risada.

– Vamos, disse elle, soltando as orelhas dos bufões, façamos as pazes ... são perto de quatro horas, a alvorada não tarda, e eu quero descansar ... vamos, soldado á frente! marchem! armas ao hombro, a carregar ! preparar ! ... fogo !!!

Os doudos tinhão obedecido ás vozes de mando, into tudo fazendo caretas e dando pulos ridiculos.

Á voz de fogo, começárão a fazer esforços e contorções, os mais extravagante, e quanto mais se esforçavão elles, mais ria-se Rosas ... por fim com fingida surpresa exclamou:

– Como é isto ? mando a ambos fazer fogo, e só a espingarda do leigo disparou !

– Não, não, commandante, respondeu Rignão vermelho como um camarão, deixa-me preparar a escorva, que a outra molhou-se ...

– Bravo ! exclamou Rosas applaudindo a resposta do doudo, ao passo que Rignão desesperado por não poder fazer fogo desatou a chorar cahido de socco velho sobre o padre leigo.

Rosas ria-se como um perdido. Quando pôde moderar a sua hilaridade, disse :

– Cala-te Rignão, não chores, ficas perdoado, com uma condição porém...

– Qual é ella ?

— Principia a descompor, em regra, cá ao nosso padre cego, enquanto que sua reverencia por acto de humildade resa a ladainha que eu lhe tenho ensinado ; vamos, principiem lá que eu vou ver se durmo um bocadinho.

Rosas deitou-se em um sofá, e fechou os olhos ; ao mesmo tempo os doudos derão execução ás suas ordens : Rignão proferindo as mais horriveis blasphemias, enquanto que o padre leigo, imitando o tom nasal dos frades, recitavaa a modo de oração uma longa serie de palavras obscenas e disparatadas.

Durante alguns minutos os doutos continuárão a sua tarefa, não sem espreitarem todos os movimentos do seu senhor. Comtudo em breve todos os indicios erão de que o seu atormentador dormia profundamente : então elles, fazendo-se acenos de intelligencia, calárao-e, e retirando-se cada um para o seu canto, ficárao adormecidos na realidade.

Pela sua vez Rosas os espreitava : teve a pachorra de os deixar adormecer, e, quando julgou que era tempo, levantou-se com cautela, e tomando um grande folles chegou-se a Rigmão. O primeiro impulso do doudo foi gritar, mas um gesto terrivel do seu carrasco o deteve em seus gemidos, e Rosas começou a sopral-o pela boca, afogado em riso, das coretas tragico-bufas do desgraçado !.....

Quando o doudo chegou a exaltação do frenesi e do soffrimento Rosas retirou o folles, e tomando um grosso ve galho foi ao pello do padre leigo.

O infeliz bufão, tão desabridamente acordado, desatou a chorar, que é o refugio dos que padecem ; porêm Rosas ordenou-lhe que ri-se ás gargalhadas, e o pobre coitado ria-se e chorava ao mesmo tempo, ao compasso da terrivel sova que lhe macerava cruelmente o corpo ; e esta festa toda era coroada pelos exercicios de Rignão que em pinotes gemendo e suas arrotava horrivelmente, expellindo o ar que acabara de receber no estomago....E Rosas a rir que ja não podia mais, e a continuar a farça, até que Rignão não teve mais ar que despedir, e até que o padre leigo cahiu no chão torcendo-se nas convulsões de desesperação e da dôr !

Era um momento de festa para o tyranno !... era aquella occasião de divertir-se no interior da sua casa !

Os doudos macerados, e moidos, meios chorosos ainda, olhavão para elle desconfiados, desde o cano onde se tinhão refugiado ... seus gestos seus trejeitos, as entrecortadas palavras que entre si trocavão, erão todavia um inicitativo á historidade do carrasco. Passados alguns minutos Rosas quebrou o silencio :

— Padre leigo ?....

— Senhor !

— Venha sua Reverencia para aqui.

– Não quero Padre Prior.... estou muito zangado, e amanhã vou dizer ao Bispo que não te faça mais cardeal para o anno.

– Vamos ! insistia Rosas em tom compungido, perdoe-me vossa Reverencia e o vergalho Rignão...

– Niclis!... nada de folle, nem de vergalhos... O Padre Prior não tem indulgencia senão levantando-me amanhã a abstinencia de comida em que estou.

– Concedido padre cego ! prometto-lhe amanhã que o farei comer até sua Reveremcoa tocar com o dedo o comer nas guelas...

– Antes disso, que jejuar e ser surrado e não dormir, mormurou o doudo.

– O Padre leigo, pode recolher-se a descansar, mas primeiro deite-me suas benções !

O doudo fez umas gatimonhas grotescas e saiu a correr.

Rosas chamou.

– Rignão?

– Não sei de nada ! não quero ouvir respondeu o doudo com ar zangado.

– Estás mal commigo governador ?

– Olé ! o que !... governador ?

– Vamos, vem cá a fazer as pazes com o teu Velho João Manoel, e te prometto que na primeira função que houver agora, vas no meu lugar e sege, de chapeo armado e espada.

– Bravo ! Muito bem ; mas pehotreguas ao folle !

– Concedido governador, para outra vez, será o padre cego e toucar-te-ha a sova.... heim? que tal?

– *Ne quaqão...* o que ? Nada! não estou por isso!

– Bom. eu não te farei nada, mando-te recommendedo a Coitinho, gostas.

– Safa ! não quero....

Então não ha pazes e eu me passo aos Unitarios !

– Não digas tal Rignão ; anda, vae, deta-te e amanhã, sáe pelas ruas e dá beijos e abraços em todas as moças bonitas que encontrares.

– Viva o Restaurador ! gritou o doudo, dando um pulo : adeus collega ! boas noites !

– A's ordens do Sr. Governador, respondeu Rosas pondo-se em pé e retribuindo com outras tantas as medidas rediculas do bufão.

O dia raiava já no orisonte ; Rosas tocou uma campainha e pediu mate.

(Continua.)

Confesso-vos minha estimavel D. Joanna que ainda ouso escrever desta vez, porque muito me tem animado o Velho Santos, aquelle antigo guarda portão da nossa casa : vós o conhecestes antes de fazerdes a vossa viagem aos Estados Unidos. Pois ainda é o mesmo. Sonsamonga vivorio, conhecendo a meio mundo, não conhece a ninguem. ouvindo ás mil maravilhas, é surdo rematado, muitas vezes quasi que diz que é cego, quando elle é capaz de ver um mosquito no corcovado.

Em fim o Santos é aquelle mesmo Santos que cá deixastes ficar, e que ainda não se despediu do nosso serviço, porque diz, que nos ama muito e que me viu pequenina.

Esta ultima parte é recommendavel.

Com effeito parece que é : depois que vos levou os meus primeiros originaes e o recado que vos mandei, dizendo-vos que não podia continuar a escrever a semana por não ter quem para esse fim me fornecesse certos dados, que nós mulheres não podemos esta com essas cousas ; voltou no dia seguinte pela manhã á minha sala, e com a cabeça baixa, mastigando muito as palavras disse-me o seguinte:

– Minha ama saberá que toda a santa noite não pude pregar olho ! tenho levado a malucar até agora n'aquelle recado que mandou á Sra. Noronha... acolá, ha dente de coelho

– E que te importas tu, Santos, que os meus recados não fiquem ao alcance da tua intelligencia ! desde que os entregas fielmente, nada mais tens que fazer, e eu estou satisfeita.

– Ah senhora... mas não é por ahi que vae o gato aos filhозes... o que me fez martelar a cabeça a noite, foi a Sra... com licença da Sra., não podemos estar com estas cousas. Eis ahi está.

– Mas o que tem isso para te causar essa atrapalhação toda?

– O que tem ? tem cá para o vosso velho criado, que vos viu pequenina e que vos estima até o gasganete, uns riscos de afronta, assim, como quem diz : tenho um criado que podia servir, mas não me serve porque não presta, é estupido !

Perdi-me de riso ao ouvir essas observações dos Santos. Não pude entretanto deixar de lhe reconhecer mais uma prova de dedicação, ou de refinada curiosidade de querer descobrir em que consiste a nossa correspondencia ; e para ensaial-o sem entrar em declarações, respondi-lhe apenas.

– Está bem, Santos, não te afflinjas por isso ; eu vou dar-te provas do contrario. De hoje em dianre deves passear por essas ruas da cidade quando e como quizeres ; pára conversa, escuta, da fé de tudo, mas que nunguem suspeite, sentido Santos ! depois volta quando entenderes que assim o deves fazer, e dá-me conta do que viste e ouviste durante o dia. Ora ahi

tens um meio com que podes provar que não és estupido e que prestas ainda para um bom serviço.

– Ah... isso agora já me agrada. V. Ex. precisa deste seu velho criado para lhe andar por ahi biscoitando as novidades desse mundo de Christo, com tanto que ninguem mè bispe no atalho. E', ou não isto que minha ama determina ?

– Comprehendeste, é isso mesmo o que eu quero ; mas deve dar hoje principio aos teus trabalhos, que não há tempo a perder.

– Estou sempre prompto ao serviço de V. Ex. Porém ... esta nova incubencia não me tira o emprego ? isto é só perguntar . perdoe minha ama o atrevimento.

– Por certo que não ; tu serás sempre o nosso guarda portão. Considera-te, Santos, em comissão, e seguro no teu emprego.

– Isto é que é fallar claro com a gente. Então eu vou ver se tenho geito para encommendinha, e depois veremos que tal é o sobrescripto. A's ordem de V. Ex.

– Vae Santos ; cuidado que ninguem te pilhe. Sempre entendi que o Santos era capaz de muito, conheço-lhe as predisposições e o geito que tem para ageitar-se e se entremetter-se em tudo, mas não lhe dava tanta liberdade ! tanta finura ! Hoje o tenho em grande conta : é um destes homens perigosos e convincentes, que vivem desconhecidos, girando na mesma classe toda a sua vida.

Tem desencovado mortos, e enterrado vivos ; de mil cousas está ao facto ; até já me falla em negocios politicos, em subida e descida de cambios, compra de apolices &c. &c.

Deixemos porém o velho Santos instalado em o seu novo emprego, e vamos conversar com as condescentes leitoras, que já devem estar impacientes.

E então, não gozastes de uma semana tão fresca, de manhãs tão bellas, de noites tão temperadas? Que Paschoa ! que dias tão tentadores ! Que me dizeis da alegre madrugada de Domingo passado ? oh ! eu não preguei o olho.

Os sinos todos a repicarem, o povo apinhado nas ruas, a cruzar os largos, a lúa clara e argenta, como é a lúa da nossa terra, um instante mais, os batalhões que se aproximão para acompanharem as Procissões com sua musica alegre e influente, d'ahi a pouco foguetes do ar, canticos solemnes...., La vem sahindo um immenso grupo de luzes da porta principal da Igreja do Bom Jesus ! E' a Procissão da Ressurreição, acompanhada com toda a pompa, que vae percorrer algumas ruas da cidade. E aquelle grande clarão que se divisa la d'aquelle outro lado ? E' uma igual Procissão que sahiu da Ordem Terceira da Penitencia : que musica brilhante que ella trazz ! cini vem bem disposta !

Todas as Freguezias tambem praticaárão a mesma solemnidade ; apenas S. Francisco de Paula reservou-se para as dez horas da manhã. Mas tudo isto, benevolas leitoras, em uma madrugada clara fresca e serena, é lindissimo para quem está de saude, livre de desgostos e compromettimentos amatorios. Debaixo dos finissimos lençoes por certo não se goza de uma destas encantadoras madrugadas : como é bello ! o coração pulsa alegremente, a alma espande-se, o corpo retoma o seu antigo vigor, e trasborga-lhes o bom humor e um indisivel prazer, que o não pôde explicar quem o sente, mas frue com delicias.

Quereis saber de uma coisa ? Pois o Santos não encontrou a essa hora (1 hora da madrugada !) crianças de peito e meninos ao collo a berrar, a chorar nos apertões das Igrejas e nos encontrões das Procissões !!! Ora é muita crueldade ! Não basta obrigar as innocentes criaturinhas a acordar a taes horas, ainda em cima as sacrificão a fica entaladas em alguma esquina : ou esmagadas pelos pés do povo em confuzão !

Forte gente desmiolada : convencerão-se que o vedadeiro amor de mãe consiste em anda com os filhos ao pescoço, e ninguem as arreda d'ali !

– Uma das mais interessantes notícias que vos posso dar, é sem duvida a de duas senhoras francezas que ultimamente se formárão em medicina pela Faculdade de Monpellier. Evito commentar esse facto, para não entrar em desagradáveis comparações. Nem quero que algum pragueto dida por ahi, que a *chronica da semana* só louva as mulheres, por ser do mesmo sexo, Deus me defenda de tal tenção, por isso vou declarando desde já que louvo tambem os francezes que – dão o seu a seu dono.

– Eu que sou tão sensivel ás despedidas... ora não pude deixar de ter saudades dos muitos passageiros do *Severn* que se despedírão tão attenciosamente pelo *Jornal* de 14 do corrente ; ao mesmo tempo invejei-lhes a viagem em companhia de tão excellente capitão, que me dizem ser um homem muito amavel. Boa viagem tenhão elles.

– A imigração para Petropolis, esse jardim encantador do Rio de Janeiro, foi immensa durante as festas da Paschoa ; a contarmos com a gente que antes lá se refugiara da febre, a qual desta vez, graças ao altissimo, não chegou a amarellecer devéras, temos oitocentas e tantas pessoas da cidade em Petropolis. Calculo feito pelo Sanos e o mestre da barca.

Entre muitas noticias que me trouxe o Santos, das quaes algumas irei publicando, outras ficão esperadas, e outras archivadas, ha a seguinte que vale apena referir-vos já. E' um testamento feito de 11 de Abril de 1852 por uma alma bem-fazeja que se retirou para Europa. Esse testamento estabelece por sua *herdeira universal* a uma criatura, que lhe servia de enfermeira por espaço de anno e meio na molestia das mais freneticas do corpo humano ---com a clausula porém d'ella receber por mão do seu testamento a quantia somente de 800\$ rs.

annuaes em quando viva for, nunca podendo exigir toda a fortuna, de que ficará sendo herdeira, se Deus chamar o testador a cibtas finaes, senão *no caso de professar no convento de Santa Theresa !*

É muio de suppor que ella não tenha vocação alguma para a vida de freira, e que para isso muito influirá o afortunado testamenteiro.

Os theatros, depois do feriado da quaresma, estão todos em serviço.

O provisorio ensaia a *Favorita*, para estréia de Mme. Rosina Stoltz, a ópera de sua paixão, em que faz brilhaturas ; o de S. Januario ensaia tres arias de grande novidade para o jocoso Martinho desempenhal-as ; o de S. Francisco um drama novo, o de S. Pedro acerta o madeiramento interior e prepara as tintas para começar sua pintura.

Quizera dar-vos conta das fazendas e modas de Paris chegadas no *Severn*, mas até o fazer desta ainda não tinhão sahido d'Alfandega ; ficará para o número que vem.

A estréia do baile do Cassino este anno deve ser elegantissima á vista dos lindos vestidos que já se preparão nas casas das nossas primeiras modistas do bom-tom. Creio ser o dia 26 do corrente o que nos trará essa desejada noite de enlevos e feitiços. Esperemos pois mais uns dias.

Neste momento chega-me a noticia do *Grande banquete brazileiro em Paris* fsfo prlo Ministro Plenipotenciario do Brazil, o cavalheiro de Lisboa, em grande e magestosa sala *des freres provençaux*, no Palais-Royal, sala reservada aos banquetes do Corpo Diplomatico. Foi um sumptuoso banquete em tudo digno da representação do nosso ministro. O cavalheiro Lisboa reuniu a flor dos residentes brazileiros em Paris e mais algumas outras notabilidades, estrangeiras ao todo quarenta pessoas, na tarde de 25 de Fevereiro, e lhes offereceu um dos mais esplendidos festins que o celebre estabelecimento culinario tem preparado. Honra ao cavalheiro de Lisboa. Sinto tão acanhadamente apresentar-vos estas e outras notícias, em que o coração brasileiro, quer de homem quer de mulher, pulsa com tanta alegria. Desejava contar-vos tin tim por tin tim.

Os negociantes brasileiros em Montevideo não deixárão passar despercebido o nosso dia 15 de Março ; tambem n'essa noite derão um magnifico e brilhante baile recamado de todos os enlevos que requer uma função de primeira ordem.

Fecho esta dando-vos parte que em breve teremos por ca o celebre e insigne artista *Talberg*, e talvez, talvez o *Bosco* esse endemoninhado prestidigitador, que tem feito furor em Paris.

– Santos !

– Minha ama !

– Vae levar esta papelada toda á mui digna Redactora em chefe do *Jornal das Senhoras*, e dize-lhe que o dito, dito: pedra em cima, se lhe não agradar.

16 de Abril,

Bellona

JORNAL DAS SENHORAS

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS: o primeiro numero de cada mez, vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engracado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E Comr. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIR n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PRECO DA Assiginatura: Por tres mezes 30000 rs. na Còrte, 40000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro, Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.